



revista adventista

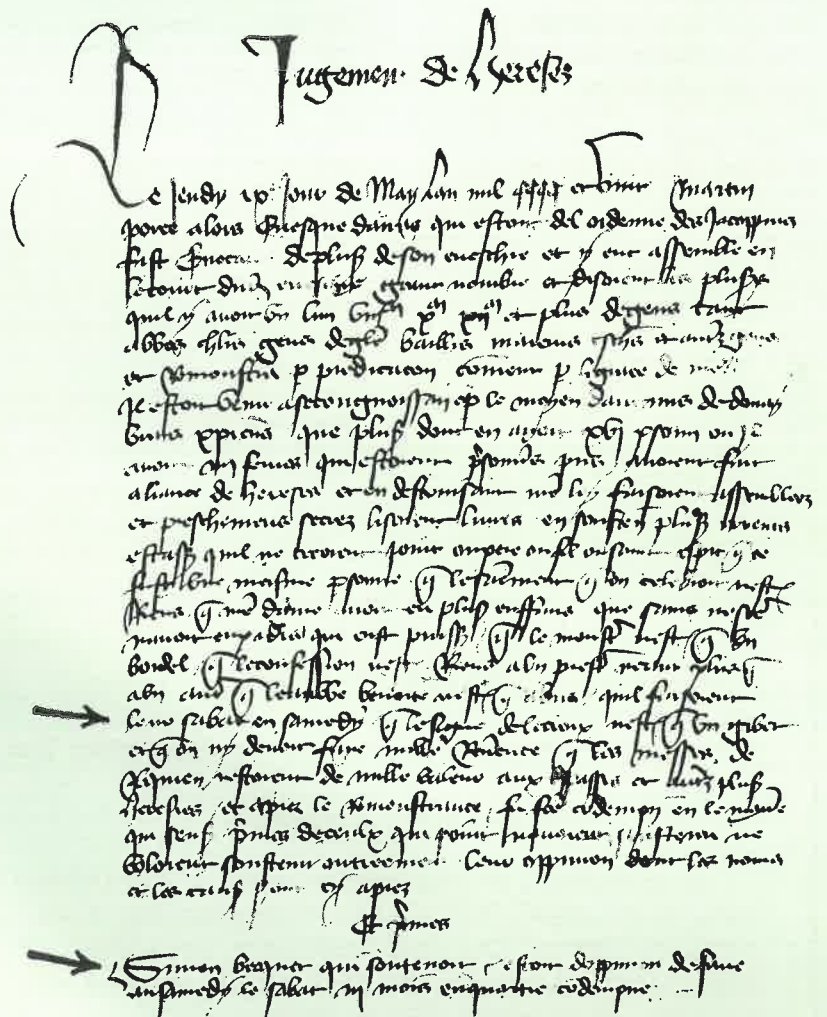
ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

CONDENADOS À MORTE POR TEREM GUARDADO O SÁBADO

Denis
ROMAIN

Trabalho de investigação feito sobre um julgamento de "hereges", no norte da França, pronunciado cem anos antes da Reforma. O Pastor Denis Romain, da igreja de Lille, revela neste artigo as suas descobertas.

(Artigo na página 4)



Primeira página do «Julgamento de heresia» redigido em 1420 e conservado nos Arquivos de Pas-de-Calais. As duas setas indicam as referências ao Sábado.

"estai vós apercebidos"

O VATICANO AFIRMA CRENÇA NO DEMÓNIO MAS ADVERTE CONTRA FASCINAÇÃO DEMONIACA

CIDADE DO VATICANO — O departamento doutrinal do Vaticano reafirmou a crença tradicional da Igreja Católica Romana de que o demónio, ou Satanás, existe de facto, não é uma fantasia, mas advertiu contra «a fascinação mórbida» que acompanha afirmações «fáceis» sobre casos de possessão e manifestações demoníacas (*).

DELEGADO DO PAPA AO CONCÍLIO MUNDIAL: «ESPANTOSAS» CONQUISTAS QUE SE ANUNCIAM

SAN DIEGO — O representante do Papa Paulo VI no Concílio Mundial das Igrejas (WCC) declarou nesta cidade estar convencido de que o mundo cristão se encontra na iminência de assistir a importantes acontecimentos no domínio da unidade ecuménica.

«Estamos na véspera de espantosas conquistas», disse o padre belga Joseph S. Spae, CICM. «Podem ver-se vários sinais nesta nova era de relações ecuménicas, que eu compararia com a nova era da teologia.»

O sacerdote flamengo de 62 anos de idade, membro da Congregação do Imaculado Coração de Maria, é secretário-geral da Comissão Mista para a Paz e o Desenvolvimento da Socie-

dade, um departamento do WCC, e da Comissão Pontifical para a Justiça e a Paz. Veio a esta cidade para falar sobre o estado actual do ecumenismo no mundo.

«Quando olhamos ao redor do mundo», disse o Padre Spae numa entrevista, «vemos que o tempo está maduro para cometimentos que colocarão o Cristianismo em posição de ter reconquistado a unidade pela qual Cristo orou na véspera da Sua morte» (*).

DESCOBRIR-SE PRÁTICA GENERALIZADA DO SATANISMO NA AUSTRÁLIA

SYDNEY — Segundo um inquérito levado a efeito pela Igreja Anglicana, mais de metade dos estudantes das escolas secundárias de Sydney praticam «o ocultismo e o satanismo».

Uma comissão da igreja declarou também no seu relatório que alguns estudantes das grandes cidades de Adelaide e Brisbane estavam envolvidos em «feitiçaria e missas negras».

O arcebispo Marcus Loane, de Sydney, que organizou a comissão para investigar o assunto, teria afirmado a uma estação de rádio de Sydney estar «grandemente surpreendido» com a descoberta.

O relatório da comissão recomendava a proibição de venda de material de «ocultismo», incluindo cartas astrológicas (*).

(*) Notícias provenientes do *Religious News Service*, traduzidas de *Ministry*.

ASSEMBLEIA GERAL

da

Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

CONVOCATÓRIA

É convocada pelo presente aviso a Assembleia Geral Ordinária da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, que terá lugar em Lisboa, na Rua Joaquim Bonifácio, de 15 a 18 do próximo mês de Julho do corrente ano de 1976.

Lisboa, Maio de 1976.

O Presidente,
António Baião

SUMÁRIO

Condenados à Morte por Terem Guardado o Sábado
«Estai vós apercebidos»
Página Editorial
Liberdade Religiosa
Fechou-se a Porta
Sobre Profecias e Suas Interpretações
A Crise do Lar
Série Reformismo — Meditem Nisto
Acampamentos da Juventude
1.ª Assembleia da União Sul-Europeia
Tem a Palavra o Leitor
O Trigo e o Joio
Que não seja o Eu
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

MAIO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 356

Director: ANTÓNIO SIMÕES LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual:	50\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro	70\$00

LIBERDADE RELIGIOSA

Desde 25 de Abril de 1974 até agora, Portugal tem sido um dos países da Europa em que tem havido, sob todos os pontos de vista, grandes modificações. Não é portanto de admirar que, nos aspectos de Liberdade Religiosa e Objecção de Consciência se tenha dado um grande passo em frente. Esta Revista já se referiu ao Artigo 41.º da Constituição da República Portuguesa que entrou em vigor em 25 de Abril último. Vamos, no entanto, transcrever todo o Artigo 41.º referente à Liberdade de Consciência, Religião e Culto:

1. A liberdade de consciência, religião e culto é inviolável.

2. Ninguém pode ser perseguido, privado de direitos ou isento de obrigações ou deveres cívicos por causa das suas convicções ou prática religiosa.

3. As igrejas e comunidades religiosas estão separadas do Estado e são livres na sua organização e no exercício das suas funções e do culto.

4. É garantida a liberdade de ensino de qualquer religião praticado no âmbito da respectiva confissão, bem como a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas actividades.

5. É reconhecido o direito à objecção de consciência, ficando os objectores obrigados

à prestação de serviço não armado com duração idêntica à do serviço militar obrigatório.

Neste conjunto de princípios é sobretudo de salientar o reconhecimento do direito de objecção de consciência, dando, portanto, aos nossos jovens a possibilidade de fazer um serviço não armado, que vem ao encontro das nossas convicções religiosas.

Estamos gratos ao Senhor por esta grande oportunidade que dá à nossa juventude e esperamos que ela contribua para uma maior fidelidade e consagração.

Um outro aspecto positivo é o do serviço cívico imposto pelo MEIC. Os nossos jovens que terminam o liceu e são obrigados a esse serviço antes de entrar na Universidade, poderão desde agora fazê-lo numa das nossas instituições, pois já requeremos que tal nos seja concedido e já no próximo ano pensamos ter alguns jovens que farão connosco o seu serviço cívico, o que será, sem dúvida, para nós e para eles, uma experiência abençoada.

Que o Senhor possa manter abertas estas portas de oportunidade, mas que sobretudo nos dê a força moral e espiritual para que, em todas as circunstâncias, quer na liberdade quer na perseguição, mantenhamos bem firmes os nossos princípios.

A. BAIÃO

CONDENADOS À MORTE POR TEREM GUARDADO O SÁBADO

QUALQUER documento de história religiosa que ateste a observância do Sábado por crentes isolados ou não, nos séculos passados, tem, forçosamente, que atrair a nossa atenção. Não deverá todo o adventista, além de expor a sua fé por meio dos estudos bíblicos, apoiar, com argumentos apropriados, o fundamento da sua posição doutrinária, nomeadamente sobre a questão do Dia do Repouso? O que ensinamos a esse respeito é ainda muitas vezes considerado pelos nossos detractores como uma espécie de excrescência teológica, uma inovação datando quando muito de 1844. Como se ninguém antes na cristandade tivesse alguma vez professado e praticado o verdadeiro Sábado! Não faltam, no entanto, testemunhos a este respeito, como tão bem o demonstrou Alfred Vaucher no seu opúsculo «Le Jour du Repos» (FIDES, Collonges-sous-Salève, 1963). E cita um exemplo de observância do Sábado em França na Idade Média, objecto de condenação eclesiástica formal (página 36). Este caso, referido pela primeira vez pormenorizadamente por um pastor de nome Paul Beuzart, numa obra publicada em 1912 (1), tinha já sido objecto de um artigo de Roger Guenin, professor no Seminário de Collonges, que apareceu no «Servir», periódico da nossa Divisão destinado aos pregadores de língua francesa. (Vol. XII, n.º 1, 1.º trimestre de 1960).

Pareceu-me interessante e útil trazer ao conhecimento dos leitores da Revista factos dignos de figurar no martirologio, já tão abundante, da Igreja sob a cruz. A obra de Beuzart, consultada na biblioteca de Calais, apoia-se em duas relações oficiais de arquivos, uma do Pas-de-Calais e a outra do Norte. E isto para nos dar a conhecer que, no princípio do ano de 1420, os proprietários de uma quinta próximo de Douai denunciaram às autoridades que ali se estavam a realizar em segredo umas reuniões religiosas. Dezasseis das dezoito pessoas foram presas juntamente com o seu pregador vindo de Valenciennes: Berthoul Thurin. Os hereges, depois de a pedido deste terem comparecido diante da autoridade episcopal, iriam ser julgados pelo tribunal da Inquisição e condenados a diversas penas seis semanas mais tarde em Arras, a 9 de Maio de 1420, perante o clero, as figuras notáveis da cidade e uma multidão de cerca de dez mil pessoas. O relatório desse julgamento, actualmente na biblioteca municipal de Arras, compreende três páginas manuscritas que me foi possível mandar fotografar. A primeira dessas páginas, reproduzida neste artigo (ver página 1), menciona por duas vezes como motivo de acusação, entre outros, a observância do repouso no Sábado, por vários crentes daquela comunidade anónima.

Eis a restituição impressa do texto, feita pelo pastor Beuzart. Destacam-se as frases relativas ao Dia do Repouso.

«Julgamento de heresia.»

«Na quinta-feira, IX dia de Maio do ano MCCCCXX, Martin Poree, então bispo de Arras, que era da ordem dos Jacobinos, convocou vários (membros) do seu episcopado, e houve assembleia no paço do dito episcopado (de) grande número (de pessoas), e diziam alguns que havia ali bem VIII m, X m, XII m (8 000, 10 000, 12 000) e mais pessoas, tanto padres, cavaleiros, gente da igreja, magistrados, administradores, almotacéis e outras pessoas, e demonstrou por pregação como, pela graça de Nosso Senhor, tinha vindo ao seu conhecimento por intermédio de alguns bons cristãos de Douay, que vários indivíduos dos quais havia XVI, entre eles IIII mulheres, que estavam presos por terem feito aliança de heresia e destruindo a nossa lei, faziam assembleias e pregações secretas, lendo livros sustentando vários erros a saber: que não criam no Pai, no Filho, no Espírito Santo que fosse uma mesma pessoa; que o sacramento que se celebrava não é nada, que Nossa Senhora tinha tido vários filhos, que não estavam santos no paraíso que tivessem poder, que o mosteiro não era senão um bordel, que a confissão não é nada a um padre, que a água benta não era mais que um abuso, **que eles faziam o seu repouso no sábado**, que o sinal da cruz é apenas um patíbulo e que não se lhe deve prestar nenhuma reverência, que as missas de Requiem não tinham nenhum valor para os finados, e outras várias heresias.

«E depois da demonstração fez-se condenação da maneira que segue, primeiro daqueles que não tinham mantido (e) não queriam manter inteiramente a sua opinião, cujos nomes e causas vêm a seguir.

«Primeiro

«**Simon Becquet que mantinha e era de opinião de fazer o repouso no sábado**, condenado em III meses de prisão.»

O segundo fólio deste «Julgamento de heresia» relata a condenação à morte, desta vez de um padre ganho à fé evangélica:

«Ennequin de Langle, **por fazer o repouso no sábado** e outras causa.»

O terceiro e último fólio mencionava o nome de Bertoul Thurin, o pregador de Valenciennes, executado igualmente «por ter (entre outras coisas) **feito o repouso no sábado**». Tendo na cabeça mitras pintadas com figuras de diabos, como João Huss e Jerónimo de Praga, queimados em Constança alguns anos antes (em 1414 e 1415), os dois supliciados de Douay e seis dos seus correligionários votados à mesma sorte, teriam podido repetir as palavras sublimes de Huss: «Levo com alegria esta coroa de opróbrío por amor d'Aquele que levou uma coroa de espinhos.»

Não se pode deixar de citar a última exortação de uma mulher, Catarina Mainarde, aos seus companheiros de fogueira: «Não temos mais que duas horas para sofrer, depois morreremos como verdadeiros mártires.» Heroína da fé, intrépida e zelosa, em cujo processo é acusada de ter conservado em casa durante trinta e dois anos livros proibidos e de os ter «lido a vários»! De todos esses também «o mundo não era digno» (2).

Pode-se fazer aqui a seguinte pergunta entre outras: Que nome dar a esta comunidade bem organizada, que rejeita os erros de Roma e se apegava a um conjunto de crenças bíblicas, a despeito de alguns prováveis erros, e que tem à cabeça um pregador regular? Há um ponto que primeiramente se impõe: **quase todos os escritores designaram os hereges pelo estranho nome de «turlupinos».**

Aparecendo em França por cerca de 1360, estes ardentes propagandistas vão, com o seu êxito, atrair sobre si uma severa repressão da parte do rei Carlos V, este alertado pelo papa Gregório XI. Ergue-se uma fogueira em Paris cinquenta anos antes da de Arras. Depois de aludir a esta última, escreve um autor moderno: «Em 1430, fala-se de outros turlupinos que são queimados em Lille» (3).

No século XVI, o historiador reformado Jean Crespin unirá numa comum aspiração de pureza religiosa vários hereges da Idade Média: «Albigenses, Begardos, Lolardos, Turlupinos e Valdenses ou Pobres de Lyon, Picardos da Boémia.» E acrescenta mais à frente: «Desde há muito tempo as pessoas sentem pelos Valdenses (povo de uma religião mais límpida e mais pura que a vulgar) um tal horror, que todos os opróbrios absurdos lhes foram lançados em cima, e pareceu que a terra não os sustentaria... No país de Flandres e de Artois, chamavam-lhes Turlupinos, tanto mais que só habitavam os lugares expostos aos perigos dos lobos» (4). Uma etimologia discutida (lupus = lobo), em que há quem veja uma alcunha injuriosa e de desprezo. Mas estas últimas linhas conduzem-nos sobretudo a um segundo ponto importante:

Os Turlupinos, dos quais alguns guardavam o sábado, são assimilados aos Valdenses, palavra que, é um facto, qualificava muitas vezes os que se separavam do Catolicismo, como os bruxos e os ateus. Não foi Joana d'Arc condenada como «Valdense»! E no entanto Paul Beuzart não hesita, baseando-se principalmente em afinidades doutrinárias e invocando várias opiniões autorizadas, em ver neles autênticos Valdenses:

«Na sua História da guerra dos Hussitas, Jacques Lenfant (pastor protestante, 1661-1728) investiga qual o parentesco possível entre os Valdenses e os Turlupinos. Depois de reproduzir e considerar diversos testemunhos, favoráveis ou desfavoráveis, ele conclui que os Turlupinos poderiam perfeitamente ser Valdenses desfigurados e pintados com cores terríveis pelos inquisidores e pelos historiadores que neles acreditaram. ... Finalmente, de Beau-sobre (outro pregador: 1659-1738), durante a sua dissertação sobre os Adamitas da Boémia, estuda em pormenor a origem dos Turlupinos. Investiga a

sua doutrina e determina em que grande corrente religiosa podem ser agrupados, acabando por se pronunciar categoricamente: «Tudo quanto se diz dos Turlupinos nos faz acreditar que eram Valdenses...»

«A influência e a doutrina valdense, porque a heresia dos Turlupinos outra coisa não era, tinha ganho numerosos adeptos e implantara-se no país muito mais do que à primeira vista se-supunha» (5).

Não admira que assim fosse quando se sabe que os discípulos de Pedro Valdo, escorraçados de Lyon, se dispersaram por muitos países da Europa e em França, não só nos Alpes, mas ainda no Leste e no Norte, onde a sua doutrina se espalhou muito rapidamente (6). Os Turlupinos aplicavam a si mesmos a designação de «Irmandade dos Pobres», no que talvez exista ligação com a de «Pobres de Lyon» aplicada aos sectários de Valdo, ou ainda a de «Pobres da Lombardia», nome dos Valdenses do norte da Itália.

Voltando ao assunto do Sábado, tenhamos a honestidade de reconhecer que a maioria dos Valdenses não o observavam e que ao contrário guardavam o domingo como Dia do Repouso (7). Mas reconhece-se no entanto que uma parte deles guardava fielmente o quarto mandamento (8). Há quem veja uma prova de tal facto no sobrenome que por vezes lhes era atribuído de «insabbatati» ou de «Xabatenses». É o caso do historiador alemão Melchior Goldast (1576-1635) citado por Alfred Vaucher (Le Jour du Repos, p. 36), ainda que certos autores aí vejam uma alusão à atitude de rejeição por parte dos Valdenses de todas as celebrações católicas (9), ou que outros invoquem a este respeito o género de calçado particular que usavam (10). Esta última tese seria compatível, segundo Paul Leutrat, com a primeira relativa ao Sábado: «Já nessa altura Valdo e os seus discípulos são conhecidos por um nome. Chamam-lhes os «ensabotés» porque calçam «sabbots» (tamancos), como os humildes a quem vão pregar a boa palavra. Este termo, mais tarde, transformar-se-á em «ensabbatés», que quer dizer partidários do sábado e discípulos do diabo» (11).

Estes testemunhos vêm juntar-se ao relato da condenação, em 1420, dos hereges de Douai para confirmar uma declaração de E. G. White contida em «O Grande Conflito» (página 56, nova edição). A tradução é literal: «Durante séculos de trevas e apostasia, houve alguns dentre os valdenses que negavam a supremacia de Roma, rejeitavam o culto às imagens como idolatria e guardavam o verdadeiro sábado.»

À aproximação do último assalto do nosso grande inimigo, possamos inspirar-nos na fidelidade deles!

«E eles o venceram, pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte.» (Apoc. 12:11).

Nota: Por falta de espaço, a longa bibliografia referente a este artigo será publicada no próximo número da Revista.

FECHOU-SE A PORTA

ARTUR A. OLIVEIRA

A FRASE contrasta em simplicidade de expressão com a riqueza inesgotável de conteúdo e de consequências imprevisíveis para a Humanidade. Não é no gabinete do presidente dos Estados Unidos da América do Norte nem no Kremlin que se encontra o botão que uma vez premido decidirá a sorte deste mundo. O acontecimento mais importante a sobrevir a este planeta centraliza-se naquela simples declaração evangélica de um dramatismo insondável: «... e fechou-se a porta» (S. Mat. 25:10). O acto será do domínio absoluto de Deus e terá consequências irremediavelmente decisivas quer para os que ficam do lado de dentro como para os que permanecem do lado de fora. É o acontecimento que precederá o decreto que sela para sempre o destino dos habitantes da Terra: «QUEM É INJUSTO, FAÇA INJUSTIÇA AINDA; QUEM ESTÁ SUJO, SUJE-SE AINDA; QUEM É JUSTO, FAÇA JUSTIÇA AINDA; E QUEM É SANTO, SEJA SANTIFICADO AINDA» (Apoc. 22:11). Seguir-se-ão cenas de uma calamidade indescritível. Na realidade, o que será deste velho mundo, já tão debilitado e em plena falência, quando a Majestade nas Alturas em breve se desinteressar definitivamente pela sorte dos que até ali tiveram prazer na iniquidade?!

«UMA PORTA NO CÉU»

Qual é a «porta» a que Jesus se refere, precisamente, na dramática narrativa das «Dez Virgens»? Naturalmente, pelo seu contexto, Cristo — O Príncipe dos Profetas — só podia referir-se à porta que dá acesso ao segundo compartimento do Santuário Celestial e que João viu em visão profética: — «E abriu-se no Céu o templo de Deus, e a arca do Seu concerto foi vista no Seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terramotos e grande saraiva» (Apoc. 11:19). Que se trata aqui do segundo compartimento do Santuário Celeste não pode haver qualquer dúvida, visto que é mencionada a «arca do Seu concerto» em cujo interior se encontra a lei

de Deus e que se situa no «santo dos santos». Embora no texto citado não apareça, propriamente, a «porta», esta subentende-se facilmente, tanto mais que no mesmo livro é mencionada (Apoc. 3:8; 4:1), algures interpretada pelos Adventistas do Sétimo Dia como sendo a «porta» de acesso ao lugar santíssimo. (Ver SDA Bible Commentary, sobre estas passagens).

É neste compartimento que se vai encerrar definitivamente o grande conflito que se processa neste mundo, porque quando esta «porta» se fechar não haverá mais nenhuma que se abra! Para além do ministério de Jesus no lugar santíssimo — a parusia do Salvador, simbolizada pelo regresso das «bodas». Foi neste compartimento que entraram, simbolicamente, as cinco «virgens» prudentes, juntamente com o «Esposo» enquanto que as cinco loucas permaneceram no exterior indo, atabalhoadamente, comprar «azeite» àquelas horas impróprias. Mas a entrada no recinto das «bodas» é precedida por um grande despertamento: «Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.» Era meia-noite e a luz das lâmpadas tornava-se duplamente imprescindível e sem a qual não ousariam juntar-se ao cortejo nupcial.

SURPRESA E DECEPÇÃO!

E, contudo, a despeito de todo este entusiasmo, historicamente, «a vinda do Senhor ao Seu templo foi súbita, inesperada, para o Seu povo. Não O buscaram ali» (O Grande Conflito, pág. 403). O «Esposo», ao encontro do qual saíram e cuja vinda ardorosamente proclamaram, passou sem ser visto por elas, no momento em que Aquele deixou o «lugar santo» e penetrou no «santíssimo» ovacionado por milhões de anjos e recebido pelo «Ancião de dias» (Dan. 7:3; 8:14; Mal. 4:1).

«Aí vem o Esposo!» — proclamaram as «virgens» que representam, neste caso particular, a centena de milhares de crentes adventistas que existiam na América do Norte, no Outono de 1844. E muitos, sinceramente, almejavam o encontro com o «Esposo» cujo carácter procuravam reflectir. Por um simples erro de interpretação profética, julgavam que a «purificação» do Santuário predita por Daniel coincidia com a purificação da Terra pelo fogo. Este pequeno engano cusou-lhes uma tremenda decepção saboreada, escarninhamente, pelos adversários da mensagem do advento de Cristo. E foi assim que muitas das lâmpadas que ainda há bem pouco brilhavam na noite foram-se, uma a uma, paulatinamente, extinguindo na altura em que mais vivo deveria ter sido o seu brilho! A este respeito, E. White comenta: — «Houvesse todo o corpo de adventistas se unido em torno dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus, quão vastamente diferente haveria sido a nossa história» (Mensagens Escolhidas, liv. 1, pág. 68).

A verdade sobre o Santuário veio trazer novo afluxo de luz e esperança sobre a decepcionada Igreja remanescente e o «Testemunho de Jesus» que é o «Espírito de profecia» (Apoc. 19:10) fez não só o ponto da situação como lançou luz sobre o futuro triunfante da Igreja, apontando o caminho do

segundo compartimento onde os crentes devem estar, pela fé, com Jesus!

Deus estava com o Seu «pequeno rebanho» como outrora, em situação idêntica, esteve com os Seus discípulos após a rejeição e crucifixão de Cristo. «Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós» (S. João 14:18), afiançara-lhes o Salvador, momentos antes da Sua morte. Do mesmo modo o povo do advento não permaneceria «órfão» muito embora, a princípio, a sua linguagem fosse igual à de Maria Madalena quando, diante do sepúlcro vazio do Redentor, exclamou: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram» (S. João 20:13). Mas foi exatamente naquela situação, para onde tinham sido providencialmente conduzidos, por entre lágrimas angustiosas e noites de estudo e oração, que descobriram, maravilhados, o seu adorável Senhor! E quão triunfantemente esta mensagem poderia já ter sido levada a todos os cantos da Terra e Cristo já poderia ter voltado, dissipando para sempre a longa noite de pecado! Mas a «recuperação» da Igreja das injúrias sofridas não foi tão rápida nem tão consequente como poderia e deveria ter sido.

«EIS QUE O JUIZ ESTÁ À PORTA»

E assim chegamos ao ponto crucial deste artigo, ou seja, à Igreja militante dos nossos dias com todas as suas fraquezas e características laodiceanas. O espírito combativo, vigilante, de autocrítica e de exame profundo e ardoroso das Escrituras que caracterizou o início deste Movimento, jaz notavelmente arrefecido. Os factores determinantes desta indesejável e perigosa situação são, no dizer de um profeta providencialmente colocado no nosso meio, «a incredulidade, a mundanidade, a falta de consagração e a contenda». Qualquer uma destas fraquezas apontadas pelo «dedo» divino, daria para um autêntico tratado de análise dos sintomas internos da Igreja e que se vão tornando cada vez mais sensíveis entre nós.

No fim de tudo é ainda o sono, o indesejável sono que teima em conservar as nossas «pálpebras» fechadas para as solenes realidades do momento e em manter adormecidos os nossos centros espirituais de percepção para o chamamento divino, convidando-nos à vigilância, à sobriedade e à adoração, a fim de conservarmos as nossas «lâmpadas» acesas. A densa noite vai-se prolongando demasiadamente para além do cômputo divino porque nós, a Igreja, sentimo-nos «ricos e enriquecidos» sem necessitar de coisa alguma, caminhando à luz fátua das nossas próprias obras e dos nossos ilusórios empreendimentos terrestres! Ellen White preconiza o remédio para este estado de coisas: — «A única esperança para os laodiceanos é uma clara visão da sua condição diante de Deus, o conhecimento da natureza da sua enfermidade» (Testemunhos Seletos, 1, pág. 476). Uma meditação demorada nestas palavras de exortação seria o suficiente para sermos conduzidos a uma profunda e verdadeira reforma da Igreja.

E Jesus, o centro da nossa esperança, onde Se encontra? Ele ainda nos ama, não pelas nossas fra-

quezas, certamente, mas a despeito delas. Ele «está à porta»!

Como Juiz ou como Salvador? Como Juiz e Salvador ao mesmo tempo. O acontecimento primordial que assinala a passagem de Jesus do lugar santo para o lugar santíssimo do Santuário Celestial é o que as Escrituras, solene e abreviadamente declaram: «Assentou-se o juízo e abriram-se os livros» (Dan. 7:10). «Temei a Deus e dai-Lhe glória porque vinda é a hora do Seu juízo» (Apoc. 14:7). Denominalmente, a esta parte do ministério sacerdotal de Jesus designamos por «Juízo Investigativo», trabalho que Ele realiza, paciente e solenemente mas de forma irreversível, junto daqueles, mortos ou vivos, cujos nomes foram uma vez inscritos no Livro da Vida. Mas é no desempenho da Sua doce e amorável missão de Salvador que ainda nos diz: — «Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei e ele comigo» (Apoc. 3:20). Ele dirige-Se hoje a cada um de nós, concitando-nos ao arrependimento e à acção valorosa pela aquisição dos inapreciáveis tesouros de um carácter justo e irrepreensível que Ele nos oferece. Quando alcançarmos individualmente esta vitória então «ele a nós virá como a chuva, como a chuva sedôdia que rega a terra» (Oseias 6:3). Nova e extraordinária força suplementar será posta à disposição da Igreja, simbolizada por aquele anjo de Apocalipse 18, versículo 1, cuja glória iluminou a terra.

«SENHOR, SENHOR, ABRE-NOS»

O mundo aproxima-se a largos passos do último acto do grande drama da Humanidade, quando o caso de cada alma ficar irremediavelmente decidido, ao fechar-se a porta da misericórdia divina. Uma vez mais as «vírgens» prudentes usarão do seu «óleo» de reserva, com as suas «lâmpadas» espargindo luz, ao passo que as «vírgens» loucas correrão de novo a comprá-lo... demasiado tarde! Ao «Alto Clamor»: «Sai dela povo meu» (Apoc. 18:4) — milhares escutarão o convite, deixando Babilónia e unindo-se ao povo «que observa a verdade». «Servos de Deus, dotados de poder do alto, com rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu» (Primeiros Escritos, pág. 279). Ao passo que «uma classe numerosa que tem professado fé na mensagem do terceiro anjo, mas não tem sido santificada pela obediência à verdade, abandona a sua posição, passando para as fileiras do adversário» (O Grande Conflito, pág. 607).

«Eis o Noivo!» Saiamos alegremente ao Seu encontro, consagrando-Lhe as nossas vidas e entrando com Ele para as «bodas» antes que seja demasiado tarde e o amorável Salvador, cansado de esperar, Se afaste finalmente de nós ao soar, no relógio profético de Deus, a hora H: «E fechou-se a porta!» — e nós do lado de fora, com um mundo perdido, a clamar desesperada e inutilmente: «SENHOR, SENHOR, ABRE-NOS»...

Artur A. Oliveira

SOBRE PROFECIAS

A. DIAS GOMES

I — Que é a Profecia?

Sem nos enredar em etimologias, embora interessantes, dos termos «profecia», «oráculo», «predição», a definição vulgarizada é «uma declaração ou narrativa de um ou vários acontecimentos futuros».

Esta definição peca por deficiência. Com efeito, se fosse perfeita, não faltariam os profetas, neste mesmo momento em que estamos a escrever. Seriam profetas todos os astrónomos e meteorologistas que predizem, aqueles com precisão matemática que vai aos minutos e segundos e estes com suficiente precisão no espaço de 24 horas, acontecimentos vindouros! E até nós seríamos profetas quando à noite disséssemos que o Sol nasceria na manhã seguinte, por exemplo. Mas não são eles nem nós profetas e porquê? Porque profecia é «a narrativa de acontecimentos futuros que não esteja baseada em leis matemáticas ou de outra espécie nem na ordem e evolução da Natureza ou domínio dos mesmos». Quando um médico, por exemplo, afirma que o doente irá morrer, não profetiza nada; limita-se a declarar o resultado final do que se passa do domínio natural da doença e segundo leis previamente verificadas. Quando o profeta Daniel declarou ao rei Nabucodonosor que o seu império seria destruído, fez uma autêntica profecia, porque esse acontecimento seria futuro e nada, naquela época, fazia prever uma tal derrocada.

Mas a definição de profecia aparece na Bíblia enriquecida em I Cor. 14:3: «O que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação.» Parece-nos aceitável esta modificação aparente do mesmo texto: «A profecia é a declaração aos seres humanos destinada à edificação, à exortação e à consolação.» Não são poucos os Profetas da Bíblia de que não consta nenhuma predição sobre o futuro mas, naturalmente, exerceram actividades edificadoras, exortadoras e consoladoras. É assim que a nossa respeitável irmã White tem todo o direito a receber o título de profetisa — que sempre rejeitou! — porque tudo quanto saiu da sua pena se destinava à edificação e fortalecimento da Fé Cristã mas, por outro lado, não consta que tivesse feito profecias com as características apontadas na definição atrás dada.

II — Qual é o objectivo da Profecia?

As profecias divinamente inspiradas e registadas na Bíblia abordam sempre o que respeita à Salvação dos filhos de Deus e no intuito de os alentar e consolar nas suas lutas e aflições, desvendando nesgas

E SUAS INTERPRETAÇÕES

do Plano Divino da Salvação. Por isso é que o Apóstolo Pedro escreveu: «Os profetas **inquiriram da Salvação e trataram dela** diligentemente e profetizaram **da Graça** que vos foi dada, indagando que tempo ou ocasião de tempo o Espírito Santo que estava neles indicava (...) os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir.» (I Ped. 1:10, 11). Pelo que se vê que a Salvação e a Graça de Deus foram os tópicos principais das antigas profecias.

Como tal, «a palavra dos profetas é muito firme e **faremos bem em estar atentos a ela**, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça e a estrela da alva (Cristo) apareça em nossos corações» (2 Ped. 1:19).

A Salvação e a Graça de Deus, todo o plano divino da Salvação, são tão sublimes que ultrapassam toda a inteligência humana, sempre **em lugar escuro** quanto a eles e, portanto, precisaram da luz divina. Aponta sempre a profecia para Cristo e Seu Ministério, no meio das convulsões humanas de que se serve como quadro.

III — Qual será a boa atitude em relação às Profecias?

Tem de ser a indicada pelo Apóstolo Pedro na última frase citada: «Estar atentos a elas» ou, noutros termos, «estudá-las com atenção».

Não são as variadas e até inúmeras interpretações humanas que deveremos estudar mas as próprias profecias, tentando sempre tirar delas o máximo proveito na melhoria do nosso espírito de crentes. Muitas vezes o que fazemos é memorizar o que este ou aquele intérprete, que nos seja simpático por qualquer motivo, declarou que nelas via e, depois, passamos a repetir irreflectidamente a sua interpretação!

Seja qual for o intérprete das profecias será muito digno do nosso apreço, mas só devemos gravar no nosso espírito o que **verificarmos** ser absolutamente exacto. Como crentes, só somos responsáveis por aquilo que compreendamos exacta e perfeitamente. As múltiplas interpretações das profecias, discordes umas das outras, são prova do **subjectivismo** dos intérpretes. Se um estiver na Verdade, o outro diferente tem de estar em Erro. Estes erros têm de ser considerados com muita simpatia porque

só erra as contas quem as faça. No entanto, com bom senso, ninguém deve aceitar contas erradas. O intérprete X errou na sua interpretação? Coitado! Fez o que sabia de melhor; contudo, como ser humano, esteve sujeito ao erro porque «errare humano est», lá diziam os latinos.

E bem faremos em lembrar o que o Apóstolo Pedro disse a respeito das profecias: «Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia das Escrituras é de **particular interpretação**» (2 Ped. 1:20, na tradução de Almeida). Quem observe o texto na língua grega em que Pedro escreveu, notará certas particularidades de suma importância, tais como: 1) Em vez de «é de particular», escreveu «guine-tai» = «surge, tem existência, é produzida por»; 2) «particular» é a tradução do termo «ídiás» que significa «própria, individual», como se encontra traduzido em 1 Ped. 3:1, 5 e 2 Ped. 2:16; 3:3, 16; 3:17; 3) «interpretação» está no grego «epilúseus» — o único texto bíblico em que este termo aparece! — derivado do verbo «epilúou» que se encontra em Marc. 4:34 onde é traduzido por «explicar, expor» e em Act. 19:39 «será determinado» e que Almeida traduziu por «averiguar-se-á». Parece portanto que uma tradução mais à letra deve ser: «nenhuma profecia foi produzida para que seja explicada individualmente». Por isso, Moffatt traduziu «desde o princípio, nenhuma escritura profética permite que um homem a interprete por si mesmo».

Donde, sempre que não seja dada na própria Bíblia a interpretação, toda a que for dada individualmente, subjectivamente, precisa de ser considerada com muita cautela, embora com toda a simpatia. É fácil determinar o subjectivismo de interpretação quando virmos dois ou mais intérpretes apresentando explicações diversas. É o que verificamos, por exemplo, ao examinar as interpretações sobre Daniel e Apocalipse, apresentadas pelo americano Smith e o brasileiro Mello, nossos prezados Irmãos na Fé. E qual será a interpretação mais correcta? Será aquela que seja a mesma dada **através dos séculos** por intérpretes pertencentes às variadas modalidades eclesiásticas porque, então, longe de ser individualista, é a da Igreja Cristã em todas as épocas.

IV — Quais serão as bases de uma correcta interpretação profética?

1.^a — Tem de estar de acordo com o que foi escrito pelo Profeta, **na sua língua de origem**. Seria um contra-senso e cometeríamos erros imperdoáveis se pusessemos outras palavras em substituição das que os Profetas escreveram! Claro está que todos os tradutores se esforçam honestamente em dar o melhor do que sabem e podem, mas não são de fiar em assunto tão melindroso. Tentar interpretar profecias traduzidas em português ou noutra língua é seriamente arriscado. Ainda que uma interpretação esteja perfeitamente de acordo com a tradução do texto, terá de ser rejeitada se não for defensável perante a língua em que o Profeta escreveu. Donde,

a primeira preocupação de um estudante aplicado das Profecias consiste **em ter a certeza do que foi escrito pelo Profeta!**

2.^a — Tem de estar de acordo perfeito com **os dados históricos**. Aqui importa não esquecer que uma coisa são **os factos históricos** e outra, por vezes muito diferente, a que digam autores de livros sobre a História. Nenhum de nós pode aceitar, por exemplo, que os nossos navegadores e conquistadores do passado tivessem querido **evangelizar, cristianizar e civilizar** os povos que descobriram e, no entanto, é o que dizem todos os manuais de História de Portugal. **Neste ponto, toda a cautela será pouca!** Nunca aceitemos irreflectidamente, em vez dos factos ou dados, a respectiva explicação subjectiva dos autores de livros sobre história.

Precisamos também tomar muita cautela **sobre as datas**. Não são poucas as que se inventam para fazer «jeito!» A cronologia é ciência delicada e espinhosa, sobretudo no que respeita a Antiguidade. Seja como for, se descobrimos qualquer erro de datas em uma interpretação, o melhor é pô-la de lado.

3.^a — Tem de se harmonizar perfeitamente com a Doutrina Cristã, explicitamente ensinada nas Sagradas Escrituras. Toda aquela que desminta qualquer doutrina ou clara afirmação na Bíblia tem de estar errada. Por exemplo: se uma indicar que o Fim do Mundo se dará no ano X, desmente a clara afirmação de Cristo: «Daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem os anjos do céu nem o Filho mas unicamente Meu Pai» (Mat. 24:36). Se assim era nos tempos de Cristo há perto de 2 000 anos, como é que os Profetas anteriores poderiam ter profetizado o ano do Fim do Mundo? Guilherme Miller e seus colaboradores, embora muito sinceros e fervorosos cristãos, cometeram esse erro ao proclamar, baseados nas profecias de Daniel, que o fim do mundo se daria a tantos de Outubro de 1844! Para nós é problema como tantos milhares de cristãos conhecedores da Bíblia puderam aceitar tal interpretação? Mas aceitaram-na e tiveram desilusões escusadas. Que tal nos sirva de lição!

V — Será o conhecimento, mesmo perfeito, das Profecias indispensável à Salvação?

Quem de entre nós, que constituímos a grande maioria dos crentes, terá esse conhecimento perfeito? Poderemos, por isso, ter dúvidas da nossa Salvação eterna? Acaso estão excluídos dela os nossos Irmãos pretos do sertão africano, ou os que habitam nas ilhas perdidas do Pacífico e que desconhecem a maior parte se não a totalidade das interpretações proféticas?

A Bíblia ensina-nos o que é necessário para obter a vida eterna:

Disse Jesus: «A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste» (João 17:3).

HÁ ALGUNS ANOS, um navio de guerra dos Estados Unidos foi enviado à Tunísia, na África, a fim de transportar para a América o corpo de um homem que ali esteve sepultado durante um certo tempo. O ataúde foi levado para Washington, a procissão fúnebre pôs-se em movimento pela Avenida Pensilvânia, «a Avenida dos Presidentes», e ele teve o seu último lugar de descanso ao lado dos grandes próceres e heróis da nação. Esse homem que era assim tão grandemente honrado só fizera uma coisa para imortalizar o seu nome. Conta-se que nunca tivera um lar. Estava um dia assentado sobre a calçada de uma das ruas de Paris, sem lar, sem amigos e sem dinheiro. Tirou do bolso um velho envelope e no verso deste escreveu um hino que será cantado enquanto durar a nossa civilização. O homem chamava-se João Howard Payne e o hino que escreveu é bem conhecido sob o título: LAR, DOCE LAR.

Quão doces e gratas são as recordações que acodem à mente, quando cantamos as estrofes deste cântico imortal!

Que é o Lar?

O lar é a unidade primária de qualquer estrutura social permanente. Sem esta unidade básica a sociedade humana repousará sobre um fundamento instável e precário.

Promiscuidade, poligamia, poliandria, amor livre, sim, muitas experiências já foram feitas, mas nenhum aperfeiçoamento foi acrescentado ao plano divino — um homem e uma mulher unidos pelos vínculos indissolúveis do amor, cuidando da educação dos filhos. A experiência, através dos séculos, tem ensinado que, sem a sagrada instituição da família, não pode haver estabilidade social, pois «o bem-estar da sociedade, o êxito da igreja e a prosperidade da nação dependem das influências domésticas». — **A Ciência do Bom Viver**, pág. 349.

O Espírito do Senhor diz-nos que «a sociedade seria transformada, caso houvesse por toda a parte lares cristãos». «A restauração e o erguimento da humanidade começam no lar». — **Ibidem**.

A Alarmante Desintegração do Lar

Sociólogos e observadores dos fenómenos sociais estão-se convertendo em arautos de inquietantes predições. O influente periódico, **The Observer** (O Observador), suscitou numa das suas edições a perturbadora interrogação: «Será esta a última geração de casados?»

O psicólogo britânico James Heming, num artigo reproduzido pela revista **Marriage Guidance** (Orientação Matrimonial), órgão oficial do Conselho de Orientação Matrimonial da Grã-Bretanha, vaticinou

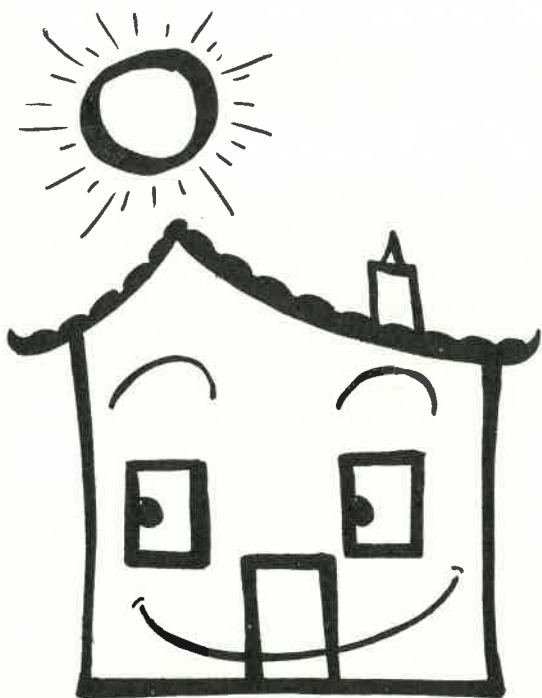
A CRISE



ENOCH DE OLIVEIRA, Presidente

que em breve as bodas serão rituais de uma época passada e o lar uma saudosa recordação de uma era superada pela tecnologia.

Que está ocorrendo com a família? Muitas publicações, revistas populares, programas de rádio e televisão e películas incontáveis lançam sobre o matrimónio e a vida do lar uma luz falsa, defor-



DO LAR

te da Divisão Sul-Americana

mando a sua imagem. Esta tendência para considerar levemente a importância do lar revela-se na resposta de uma esposa moderna a um representante de uma empresa construtora que se esforçava por convencê-la a construir uma casa.

— O Senhor nunca me convencerá a construir um lar, porque não preciso dele. Nasci numa materni-

dade, fui educada em colégios, namorei num automóvel, a minha festa nupcial foi feita num clube recreativo, a minha vida passou nos cinemas, nos teatros, nos clubes nocturnos. Quando adoecer, irei para o hospital e, quando morrer, para o cemitério. (...) Tudo quanto me interessa é uma garagem onde guardar o meu automóvel.

É o espírito da época, a desintegração do lar.

Esta jovem esposa reflecte o declínio moral de uma era que substituiu a moral cristã pelas doutrinas de Freud. Rebelando-se contra a «moral medieval» e, em certos aspectos contra a «moral vitoriana» que considerava o sexo como um opróbrio, uma coisa vil, degradante e pecaminosa, Sigmund Freud denunciou «a repressão sexual» como responsável pelas neuroses, inibições, perturbações mentais e sentimentos de culpa que tanto afligem a nossa geração. Já que a ideia de considerar o sexo como algo impuro gera tantos conflitos internos — arrazoavam Freud e os seus discípulos — devemos libertar o homem desses freios medievais e convencê-lo da legitimidade de qualquer manifestação sexual dentro ou fora do matrimónio.

E as barreiras da moral cristã foram eliminadas. Os diques abriram-se para a penetração de um dilúvio de literatura sexual. As normas desceram vertiginosamente no tabogã da psicanálise; «a velha moral» foi rapidamente suplantada por uma «nova moral», evidentemente imoral.

Deste modo, numa só geração, o pêndulo moral da sociedade moveu-se de um extremo ao outro. Agora as experiências sexuais pré-maritais são estimuladas, as manifestações sexuais extra-conjugais consideradas como legítimas e necessárias e os adolescentes «libertados» dos velhos tabus.

E quais os resultados? A inquietante escalada do vício, o colapso moral da sociedade e a desintegração da família. Os conflitos no lar intensificam-se; os divórcios multiplicam-se e, com eles cresce a legião de desventurados filhos órfãos de pais vivos. Eis as consequências nefastas do «iluminismo freudiano».

Homens e mulheres arrastados por uma gigantesca onda de degenerescência moral, embrutecidos pelos prazeres voluptuosos da carne, incapazes de discernir a beleza e os encantos existentes num lar edificado segundo o modelo divino.

Como Salvar o Lar?

No Velho Testamento encontramos uma dissecação dessa pergunta nos três elementos constitutivos da família. Eliseu, o sucessor de Elias, revelou no seu ministério um acentuado interesse pelas coisas relacionadas com o lar. Com efeito, foi ele que alegrou a casa da mulher sunamita, fazendo que Deus lhe concedesse um filho na velhice. Mas, diz a narrativa sagrada, quando o menino alcançou a idade

que lhe permitia ajudar os pais nas suas actividades agrícolas, foi surpreendentemente arrebatado pela morte. Com o coração alanceado pela dor partiu a sunamita a buscar o profeta no Monte Carmelo. Vendo-a à distância, este mandou-lhe ao encontro Geazi, seu criado, com três significativas interrogações:

«Vai bem contigo? Vai bem com o teu marido? Vai bem com o teu filho?» II Reis 4:26.

Eis o triângulo da família: Ela — a mãe, o marido, e o filho.

Nas suas exortações pastorais, Paulo procura dar a estes três componentes do lar as dimensões exactas dos deveres e responsabilidades que lhes correspondem.

«Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor». Col. 3:18.

«Vós, maridos, amai as vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas». Vers. 19.

«Vós, filhos, obededei em tudo a vossos pais; porque isto é agradável ao Senhor.» Vers. 20.

Encontramos com frequência na igreja fiéis e dedicados membros perturbados pelas incompreensões e angustiados pelos conflitos que transformam o lar num permanente inferno doméstico.

Por isso cremos oportuno analisar alguns dos problemas do lar à luz dos conselhos de Paulo dados aos integrantes deste sagrado triângulo.

Sujeição

«Sede submissas a vossos próprios maridos.»

Vivemos numa era em que se intensificam os movimentos femininos de libertação. A ideia de sujeição da mulher afigura-se impopular, anacrónica e fora de moda. No entanto, quando a esposa se esquece deste mandamento e assume a direcção da casa, em detrimento da autoridade do esposo, colhe inevitavelmente os frutos amargos da sua rebelião, na insurreição dos filhos criados em desordem.

Este princípio de sujeição enunciado pelo apóstolo não deve ser entendido como humilhante subordinação da esposa ao marido, mas sim como um reflexo da submissão da Igreja a Cristo. O domínio do marido, como a autoridade de Cristo, demonstra-se com amor; e o acatamento da esposa como a obediência da igreja, revela-se pelo afecto, lealdade e dedicação.

Feliz é o lar onde o amor governa e obedece.

Amor

«Amai a vossas mulheres.»

Segundo Carl Meninger, uma das personalidades mais destacadas no campo da psiquiatria, «o amor é o remédio eficaz que poderia curar as enfermidades do mundo e do lar».

Como são insensatos os esposos que, olvidando o conselho bíblico, governam o lar animados por um espírito iracundo, impulsivo e irrazoável!

A um esposo que não expressava afeição à sua companheira, escreveu a Sr.^a White: «Haveis cumprido as vossas tarefas como a cabeça da família, mas há uma falta. Há séria falta da preciosa influência do amor que leva a delicadas atenções. O amor deve ser visto no olhar e nas maneiras e ouvido nos tons da voz.» — **O Lar Adventista**, pág. 109.

Obediência

«...obedecei em tudo a vossos pais.»

Os adolescentes dos nossos dias podem ser católicos, protestantes ou judeus; pacifistas ou violentos; superficiais ou profundos. Uma coisa é certa: eles arrancaram do seu dicionário a palavra **obediência** e substituíram-na por **independência**.

Entretanto, como pais cristãos, devemos educar os filhos, ensinando-lhes a bem-aventurança da obediência.

«Se eu não te castigar», disse uma mãe ao seu pequeno filho, «Deus não ficará contente, porque Ele te confiou a mim para que eu fizesse de ti um verdadeiro homem, e a mamã tem de ensinar-te ou então deixa de obedecer a Deus.» É esta a verdadeira base da autoridade do lar, a ordem da parte de Deus para que os pais ensinem os seus filhos a serem obedientes e disciplinados.

Em resumo, na sujeição da esposa, no amor do esposo e na obediência dos filhos encontramos os elementos fundamentais, capazes de salvar o lar de uma gradativa e constante desintegração.

«A Igreja que Está em Tua Casa»

As palavras do apóstolo — «a igreja que está em tua casa» — têm um significado novo e vigoroso, quando nos lembramos de que o lar deve ser uma igreja.

Vivemos hoje a tragédia de lares secularizados onde os programas banais de televisão são recebidos com entusiasmo e as novelas emocionais acompanhadas com devoção, mas não há mais tempo para o culto doméstico, para a leitura da Bíblia e o cultivo da vida piedosa. É o lar que deixou de ser igreja.

Como pais temos o dever e o privilégio de transmitir a nossos filhos a herança espiritual. Paulo encontrou um dos seus mais valiosos colaboradores em Timóteo, que provinha de um lar onde Deus era honrado. Escreveu o apóstolo:

«Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiramente em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti.» II Tim. 1:5.

Há lares que produzem delinquentes, marginais, vidas inúteis. Outros há que produzem homens de bem, gigantes da fé, como Timóteo. Que tipos de pessoas estão produzindo os nossos lares?

E. de Oliveira

MEDITEM NISTO

VILMUR C. DE MEDEIROS, ex-director-geral do departamento de colportagem (para todo o Brasil), no Movimento de Reforma, até Junho de 1973, data em que, por influência do Espírito Santo, espontaneamente se decidiu em favor da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

APESAR das ideias preconcebidas dos líderes reformistas, convidamos os nossos queridos irmãos daquela ramificação a pensar seriamente nos seguintes factos:

1 — CASAS PUBLICADORAS

Em todas as partes do mundo: Deus habilitou Seu povo a iluminar o mundo. Ele dotou os homens de faculdades que os tornam aptos a estender e consumir uma obra que circundará o mundo. Sanatórios, escolas, tipografias e outros meios assim, **devem ser criados em todas as partes da Terra**. — Ev., p. 413.

Estabelecidas por Deus com um propósito definido: «Nossa obra de publicações foi estabelecida por direcção de Deus e sob Sua especial supervisão. Teve por designio o preenchimento de um propósito definido. Os adventistas do sétimo dia foram escolhidos por Deus como um povo peculiar, separado do mundo. Com a grande talhadeira da verdade Ele os cortou da pedra do mundo, e os ligou a Si. Tornou-os representantes Seus, e os chamou para serem **embaixadores Seus na derradeira obra** de salvação. O maior tesouro da verdade já confiado a mortais, as mais solenes e terríveis advertências que Deus já enviou aos homens, **foram confiadas a este povo**, a fim de serem transmitidas ao mundo; e na realização dessa obra **nossas casas publicadoras se encontram entre as mais eficientes instrumentalidades**.» — 3TS, p. 140.

«Nossas casas publicadoras **são centros designados por Deus**, e por meio delas **há de ser realizada uma obra cuja magnitude não é ainda compreendida**. (...) Através de **todo o mundo** deve o Seu povo erguer monumentos de Seu sábado — o sinal entre Ele e eles de que Ele é quem os santifica.

RECTIFICAÇÃO

No primeiro artigo desta série, número de Fevereiro, página 4, a referência ao autor de «Conferência Geral» saiu incorrecta. Devia ser: **Professor José Laerte Barbosa, actualmente académico (aluno quarto-anista) de Teologia no Instituto Adventista de Ensino, São Paulo, Brasil**. Pedimos desculpa pelo equívoco.

Em vários pontos, nos campos missionários, **devem estabelecer-se casas publicadoras**.» — 3TS, p. 146.

Como torrentes de luz a circundar o mundo: «Depois da visão eu disse a meu esposo: «Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e mandá-lo, ao povo. Que seja pequeno ao princípio; mas, lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo, e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo.» — CE, p. 1.

Nossas casas publicadoras devem mostrar **notável prosperidade** (...) Ao se aproximar o fim, a obra de Deus **deve aumentar em completa força**, e pureza, e santidade...» — CE, pp. 85, 155.

Que alegria para nós adventistas do sétimo dia, sabermos que nossa obra de publicações foi estabelecida pelo próprio Deus, e que Ele mesmo a supervisiona! Que privilégio sermos embaixadores Seus na derradeira obra de salvação! E como vibra o nosso coração ao vermos todas as predições proféticas se cumprindo com a igreja à qual pertencemos. O pequeno jornal, cuja publicação fora iniciada em 1848, alcançou bom êxito desde o princípio, e, realmente, transformou-se em torrentes de luz que circundam o mundo. Temos actualmente 50 casas publicadoras e um exército de mais de 7000 colportores levando a luz de que o mundo necessita (CE, pp. 123, 124) através dos livros **O Conflito dos Séculos, O Desejado de Todas as Nações, Vida de Jesus** e tantos outros mais.

Porque os nossos estimados irmãos reformistas não pensam mais seriamente nisto? Onde estão vossas casas publicadoras? Qual é o número de vossos colportores fora do Brasil? E os poucos que tendes aqui em nosso país quais são os grandes livros de mensagem que estão vendendo? Essas perguntas não estamos fazendo em tom de crítica, mas com o objectivo de vos fazer compreender esta questão.

Falando sobre o livro «**O Conflito dos Séculos**», a irmã White diz o seguinte: «Estou mais ansiosa de ver ampla circulação deste **que de qualquer outro livro que eu tenha escrito; pois em «O Conflito dos Séculos**», a última mensagem de advertência ao mundo é dada mais distintamente que em qualquer de meus outros livros. (...) Aprecio o livro «**O Conflito dos Séculos**» mais que prata ou ouro, e desejo grandemente que vá perante o povo. ... Os anjos

de Deus preparariam o caminho para estes livros no coração do povo». — CE, pp. 127, 128, 124.

Que estímulo para o colportor adventista saber que está divulgando um livro superior em seu valor a ouro ou prata. Que incentivo quando ele experimenta pela experiência prática, que os anjos de Deus, realmente ajudam a vender este livro!

Porque, prezado irmão reformista, não vir nos ajudar em tão magno trabalho? Porque perder tão sublime privilégio?

2 — INSTITUIÇÕES DE ENSINO:

«Nada é de maior importância do que a educação de nossas crianças e jovens». — **Conselhos aos Professores**, p. 147. «**A escola é tão necessária como o templo**». — **Testimonies**, vol. 6, p. 109.

«Nossas escolas paroquiais são ordenadas por Deus a fim de preparar as crianças para esta grande obra. (...)» — 2TS, p. 461.

«Como um povo de posse de avançada luz, devemos imaginar meios com que desenvolvamos um **exército de missionários educados**, que entrem nos vários departamentos da obra de Deus. Precisamos de jovens de ambos os sexos — **bem disciplinados, de cultura**, em nossos sanatórios, na obra médico-missionária, nos escritórios de publicações, nas Associações dos vários Estados, bem como no campo em geral. Necessitamos de rapazes e moças que, possuindo **elevada cultura intelectual**, estejam **habilitados** a fazer a melhor obra para o Senhor. Temos feito alguma coisa no sentido de atingir esta norma, mas ainda estamos muito atrás **daquilo que o Senhor tem em vista**. (...) — 2TS, p. 465.

«Há grande necessidade de que se façam planos para que haja **grande número de obreiros competentes, e muitos se devem habilitar como professores**, de modo que outros venham a ser **preparados e disciplinados para a grande obra do futuro**. (...)» — 2TS, p. 466.

Teríamos que ocupar centenas de páginas se fôssemos citar tudo o que o Espírito de Profecia fala sobre a necessidade de escolas, de obreiros preparados para o trabalho de Deus.

Dando cumprimento às passagens que consideramos, a Igreja Adventista tem, segundo estatísticas de 1972, o seguinte: 509 escolas de nível superior e médio, 4371 escolas de nível primário, 39 escolas de enfermagem e auxiliares, 16 620 professores empregados de todos os níveis, etc.

E a vós, queridos irmãos, perguntamos: Onde estão vossos colégios e escolas primárias? Qual o número de vossos jovens possuidores de elevada cultura intelectual, os obreiros capazes, como lemos, que estejam habilitados a fazer a melhor obra para o Senhor? Porque vos desculpar, simplesmente dizendo, às vezes contra a própria consciência que os vossos obreiros são formados na mesma escola que os apóstolos se formaram? E com essa evasiva acham que estão justificados diante de Deus?

Para concluir esta parte desejamos chamar a vossa atenção para mais um trecho do Espírito de Profecia: «As necessidades da causa aumentarão

continuamente à medida que nos aproximamos do fim do tempo. São precisos meios para darmos aos nossos jovens, em nossas escolas, um rápido curso de estudos que os habilite para uma obra eficiente, no ministério e em outros ramos da causa. Não estamos à altura de nosso privilégio neste assunto. **Todas as nossas escolas em breve serão fechadas**. Quanto mais podia ter sido feito se os homens tivessem obedecido à ordem de Jesus sobre a beneficência cristã!» — Testemunhos, vol. 5, p. 156.

Pensemos um pouco no que lemos: Se os colégios adventistas serão fechados por ocasião da lei dominical, é uma prova de que até então, eles serão dirigidos por Deus ao serviço da Sua causa, não achais? Isto é uma evidência da continuidade da obra educacional adventista até a finalização da obra, e não só até 1914.

Analisando o texto por um outro ângulo, agora perguntamos: Como poderão ser fechadas as escolas da «reforma» se elas simplesmente inexistem? Pensai seriamente nisto.

3 — A OBRA MÉDICA:

«... **Sanatórios**, escolas e outros meios assim, devem ser criados **em todas as partes da Terra**».

«Muitas outras instituições devem ser fundadas nas cidades da América do Norte, especialmente na parte sul, onde até agora pouco tem sido feito. Nos países estrangeiros, devem empreender-se e dirigir-se com êxito muitos empreendimentos missionário-médicos. A fundação de sanatórios é tão importante na Europa e noutras terras estrangeiras, quanto o é nos Estados Unidos». — 3TS, p. 121.

«O Senhor influenciará a mente de pessoas em sectores inesperados. Alguns que aparentam ser inimigos da verdade, empregarão, pela providência divina, os seus meios para comprar propriedades e erigir edifícios. Com o tempo essas propriedades serão oferecidas à venda a preço muito inferior ao seu custo. Nossos irmãos reconhecerão nesses oferecimentos a mão da Providência. (...) Assim é que homens de posses estão inconscientemente preparando auxiliares que permitirão ao povo de Deus fazer a **Sua obra avançar rapidamente**.

«Em vários lugares serão compradas propriedades para serem usadas como sanatórios». — 3TS, p. 124.

Sanatórios como centros de evangelização: «Há em muitos lugares almas que ainda não ouviram a mensagem. Por conseguinte, a obra missionário-médica deve ser **levada avante com mais zelo que nunca dantes**. Essa obra é a porta pela qual a **verdade conseguirá entrada nas grandes cidades, e devem ser estabelecidos sanatórios em muitos lugares**».

A obra efectuada pelos sanatórios é um dos meios mais eficazes de **atingir todas as classes sociais**. Nossos sanatórios são o braço direito do evangelho e abrem caminhos pelos quais a **humanidade sofredora pode ser atingida** pelas boas-vindas de restauração mediante Cristo». — 3TS, pp. 366-367.

Uma pergunta agora: Se a humanidade sofredora dependesse dos hospitais da «reforma», quantos se salvariam?

É o braço direito do evangelho: «Tenho sido repetidamente instruída quanto ao facto de ter a obra médico-missionária para com a obra da terceira mensagem angélica, a mesma relação que mantém para com o corpo e o braço e a mão». 2TS, p. 256.

«A obra médico-sanitária deve ser para a obra da igreja o que o braço direito é para o corpo». — 2TS, p. 531.

«Esse é um elemento que dá nome à obra para este tempo. **A obra médico-missionária é como o braço direito da terceira mensagem angélica, que deve ser proclamada ao mundo caído...**» — 2TS, p. 486.

A igreja adventista é acusada pelos nossos irmãos da «reforma» de pregar uma mensagem «aleijada». Mas à luz dos textos lidos é o «Movimento de Reforma» que não tem o braço direito da mensagem, a despeito da sua grande pretensão de superioridade.

«Cristo não mais está em pessoa no mundo, para ir de cidade a cidade e de aldeia a aldeia, curando os enfermos; **comissionou-nos, porém, com o prosseguimento da obra missionário-médica por Ele iniciada**». — 3TS, p. 367.

Segundo este trecho, Jesus incumbiu a Igreja Adventista de prosseguir com a obra missionário-médica por Ele iniciada. Apesar de quase todos os reformistas usarem drogas, dizem eles que o trabalho realizado pelos hospitais adventistas não tem aprovação divina porque é feito com uso de drogas. Perguntamos, no entanto, aos nossos amigos reformistas: Onde estão os vossos bons hospitais, cujos serviços são aceitos por Deus? Mostrei-nos pelo menos um!

Lemos em 3TS, p. 123 o seguinte: «O Meu povo precisa fazer **uma obra rápida... Em muitos lugares que já deveriam haver sido providos de sanatórios e escolas, estabelecerei as Minhas instituições, as quais virão a ser centros de preparo de obreiros**».

Em cumprimento desta promessa, Deus tem estabelecido na Igreja Adventista muitas instituições as quais se tornaram grandes centros de preparo de obreiros. Mas tal não teria ocorrido se Ele tivesse rejeitado a mesma. Teria Ele fundado as ditas instituições no «Movimento de Reforma». Isto no entanto não aconteceu.

Argumentam também os componentes da «reforma», que pouco eles têm prosperado porque surgiram muito depois da organização adventista e estão ainda iniciando. Replicamos, porém, que 60 anos de existência serão suficientes para demonstrar alguma prosperidade. A Igreja Adventista com essa idade já possuía muitas instituições, bem como notável prosperidade em todos os sectores. Se a «reforma» fosse chamada para substituir a organização Adventista, seu desenvolvimento deveria ter sido menos aproximado daquele que tem sido apresentado pelo movimento do advento.

Quando falamos sobre nossas instituições, ouvimos também, desde o ministro até o membro leigo do «Movimento de Reforma» as palavras: «Escolas, Casas Publicadoras e Sanatórios são apenas bens materiais».

Em refutação a esta evasiva reformística lemos: «A influência destas mensagens se tem aprofundado e alargado, pondo em movimento as forças impelentes de milhares de corações, trazendo à existência **instituições de ensino, casas publicadoras, bem como casas de saúde; e todas estas são instrumentos nas mãos de Deus**, para a cooperação na grande obra representada pelos primeiros, segundo e terceiro anjos voando pelo meio do céu, a fim de advertirem os habitantes do mundo de que Cristo está para vir de novo, com poder e grande glória». — Ev, p. 20.

«O maior tesouro da verdade já confiado a mortais, as mais solenes e terríveis advertências que Deus já enviou aos homens, foram confiadas a este povo, a fim de serem transmitidas ao mundo; e na realização dessa obra **nossas casas publicadoras se encontram entre as mais eficientes instrumentalidades**». — 3TS, p. 140.

«Quem dera que eu pudesse manejar a língua de maneira a exprimir claramente a importância da devida direcção de nossas escolas! Todos devem compreender que **essas escolas são instrumentos do Senhor**, instrumentos por meio dos quais Ele se quer tornar conhecido aos homens». — 2TS, p. 465.

Como vimos, essas instituições, não são meramente bens materiais, mas instrumentos nas mãos do Senhor para a pregação da tríplice mensagem ao mundo.

Concluindo, desejamos responder pelo Espírito de Profecia, a duas perguntas: a) Porque é que a «reforma» não progride? Resposta: «Deus tem na Terra uma igreja, que é o Seu povo escolhido, (...) **Ele está guiando, não ramificações transviadas**, não um aqui e outro ali, mas um povo». — TM, p. 61.

«Eles ficam separados do povo a quem Deus está conduzindo e fazendo prosperar, e por meio de quem há-de realizar Sua grande obra». — 1TS, p. 166.

Sim, está claro. Não progride porque não tem razão de existir; não tem a direcção divina.

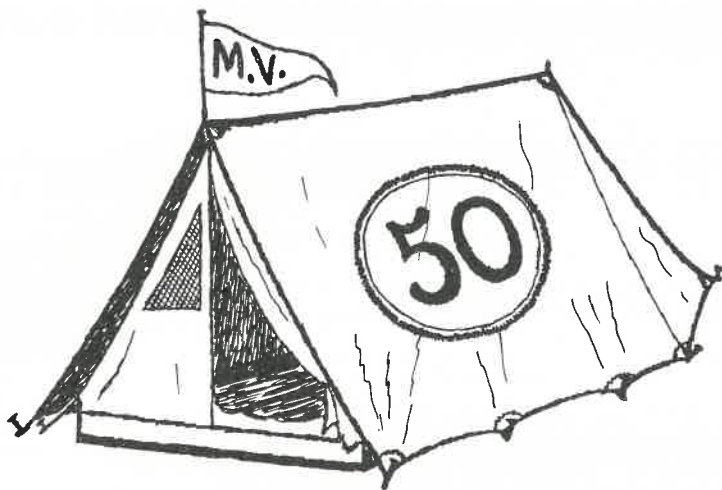
b) Porque é que a Igreja Adventista, desde que foi fundada, continua sempre prosperando mais e mais?

Resposta: «**Qual é o segredo da nossa prosperidade?** Temo-nos movido sob as ordens do Príncipe de nossa salvação. **Deus nos tem abençoado os esforços unidos**. A verdade tem-se espalhado e florescido. **Têm-se multiplicado** as instituições. A semente de mostarda cresceu até tornar-se uma grande árvore». — TM, p. 27.

Exaltado seja o nome do Senhor por tudo o que Ele tem feito pela Sua Igreja. Em futuro próximo, maiores coisas fará o Deus de Israel em favor do Seu povo.

Nota: Todos os destaques são do autor.

ACAMPAMENTOS DA JUVENTUDE



Foi em 1926 que se realizaram os primeiros Acampamentos da Juventude Adventista nos Estados Unidos.

Comemoram-se, pois, este ano, as bodas de ouro das actividades de campismo da Juventude Adventista.

Não era plano de Deus que os homens vivessem em grandes aglomerados populacionais, como as grandes cidades de hoje. Deus tinha o plano de que os homens vivessem no meio da Natureza, gozando um bom ar, sem poluição e gozando também da contemplação das obras de Deus na Natureza — as flores, as árvores, os animais, etc.

Assim, para obstar ao desvio do plano divino, organizaram-se actividades ao ar livre, que têm por objectivo formar «uma mente sã num corpo são».

Desta forma, pretende-se num acampamento, que os Jovens venham revigorados fisicamente e aperfeiçoados espiritualmente. Se isso não aconteceu, o acampamento falhou nos seus objectivos.

No campo, é possível que o homem encontre felicidade, ao contemplar as coisas criadas por Deus. «Era desígnio de Deus que o homem mostrasse felicidade nas coisas que Ele criara.» (**Mensagens aos Jovens**, 365). «Deus nos tem rodeado do bonito panorama da Natureza, para atrair e interessar o espírito.» — **Idem**.

Deus deseja que empreguemos alguns momentos em recreação agradável. «É privilégio e dever dos cristãos procurar refrigerar o espírito e revigorar o corpo me-

dante inocente recreação com o intuito de empregar as energias físicas e mentais para glória de Deus.» — **idem**, 364.

Alguns jovens pensam no acampamento, como um lugar onde, longe dos pais, podem dar largas a uma série de actividades descontroladas, sem respeito por horários ou regulamentos. Convido esses jovens a lerem «**Mensagens aos Jovens**», pág. 364. «Nossas recreações não devem ser cenas de estreita alegria, tomando a forma de uma insensatez.»

Ora, esses jovens devem pensar duas vezes antes de se decidirem a enviar a sua inscrição para o acampamento. Nos Boletins de Inscrição vai o regulamento do Parque de Campismo, para o qual pedimos a atenção de pais e jovens.

Teremos no acampamento alguns obreiros, que serão ajudados nas suas funções, por jovens que serão escolhidos oportunamente.

Gostaríamos de, desse regulamento, fazer sobressair um ponto que exige certa preparação. Primeiro, pedimos aos jovens de ambos os sexos o uso de fatos de banho decentes. Segundo, no acampamento e nas idas e vindas da praia, pede-se a todos para usarem uma vestimenta apropriada, por cima do fato de banho.

Queremos lembrar que um programa espiritual equilibrado será estabelecido e que empregaremos também algumas das nossas energias fazendo trabalho missionário, em favor dos outros.

Há um ponto que desejamos frisar e para o qual pedimos a com-

preensão de todos. Tem vindo a aumentar, ao longo dos últimos anos, a frequência de irmãos mais velhos em volta do lugar do acampamento. Creio que teremos de pensar em organizar um acampamento para adultos, com um programa apropriado. Mas, até isso ser possível, pedimos aos irmãos, que porventura apareçam e fazerem votos para que não sejam muitos, que compreendam que existem pessoas responsáveis, em cada um dos acampamentos, e que as resoluções dos problemas das actividades estão inteiramente a seu cargo. E, para aqueles que tenham filhos no acampamento, terão que decidir entre cuidarem eles dos seus filhos ou deixarem a responsabilidade aos que estão ali, unicamente para isso.

Não serão aceites interferências em casos de disciplina ou outros, por parte de pessoas que não tenham responsabilidades nos acampamentos.

Teremos, como já sabem, três acampamentos, cada um para sua idade, o que vai permitir desenvolver certas actividades, mais apropriadas para cada um.

Desejamos, precisamos da colaboração leal e sincera de obreiros, pais e jovens. Somente se colaborarmos todos, será possível levar a efeito uma actividade produtiva.

É possível que alguns dos planos anunciados não se tornem muito populares e agradáveis, mas chegará o momento em que compreenderão o valor das resoluções tomadas.

J. Morgado



O presidente da Divisão Euro-Africana, Pastor E. Ludescher, traduzido pelo Pastor C. Puyol

No decurso do 5.º ano da sua existência e sob o lema «Preparai o Caminho do Senhor», realizou-se na Igreja Central de Madrid, de 31 de Março a 3 de Abril, a primeira Assembleia da União Sul-Europeia, para apreciação das suas actividades durante os três primeiros anos e para eleição dos seus responsáveis para o novo período.

Além dos delegados em representação da própria União e das várias Instituições que a compõem, a Divisão Euro-Africana esteve representada pelo Presidente e pelo Secretário, respectivamente, E. Ludescher e J. Zurcher.

É-nos grato salientar o equilíbrio verificado entre as actividades administrativas indispensáveis e o ambiente nitidamente espiritual, graças às profundas e sentidas mensagens apresentadas, com relevância para o exame pessoal do que é, o que representa para cada um, como leigo, como obreira bíblica, como colportor, como pastor, o receber a unção para o ministério.

Na impossibilidade de aqui transcrever o que cada um testemunhou sobre o que sentia ser em si a unção do Espírito Santo para o Ministério, creio resumir com as palavras de um delegado ao testemunhar ser a unção, para ele,

1.ª ASSEMBLEIA DA UNIÃO SUL-EUROPEIA

«um fogo que destrói a tendência para as coisas do mundo e aviva a apetência para servir inteiramente a Deus.»

Apesar das dificuldades surgidas no quadriénio, servem como elementos de avaliação da U. S. E. durante este período de actividade, as 3891 almas ganhas para Cristo e testemunhadas pelo baptismo e o facto de ter começado com uma União de Missões e ser agora uma União de Associações. Esta mudança no seu Estatuto aconteceu devido a um reajustamento mais racional do seu território, por se desligar das Missões de Israel e de Cabo Verde e Guiné, mas sobretudo graças ao desenvolvimento material e à maturidade espiritual verificadas nos três principais territórios desta União: Espanha, Itália e Portugal, passando a ser não mais regidos pelo Estatuto de Missões, mas de Associações. Foi por esta razão

que a primeira tarefa da Comissão de Nomeações foi debruçar-se sobre a nomeação dos executivos, que até ali eram nomeados pela Divisão.

Por unanimidade foram reconduzidos nos seus cargos como presidente e secretário-tesoureiro, respectivamente Eliseu Cupertino e Juvenal Gomes, que há alguns meses tinham sido nomeados pela Instituição superior, sob o estatuto ainda de União de Missões. A mesma Comissão reconduziu também nos seus cargos, para o novo período, Eugénio Rodriguez, continuando portanto com a liderança dos Departamentos de Actividades Leigas e Escola Sabatina e Temperança, e David Sanguesa na liderança do Departamento de Publicações. Para o Departamento de Educação e Jovens, foi nomeado H. Visane, e na intenção de incrementar a vida pastoral e a Obra de Evangelização, foi nomeado C.



Quando falava o presidente da União Sul-Europeia, Pastor E. Cupertino, traduzido pelo Pastor E. Bueno

Puyol como secretário do Departamento da Associação Ministerial.

Além das três Associações já referidas, faz parte também da União Sul-Europeia a Missão da Grécia, tendo sido igualmente reconduzidos pela Comissão de Nomeações, por se tratar de uma Missão, D. Visigali, como presidente e E. Dialectakis, como secretário-tesoureiro.

Seguindo o sistema da Conferência Geral, ficou determinado pelo actual Estatuto da U. S. E. que as Assembleias ordinárias serão realizadas cada cinco anos, momento em que serão eleitos por um período idêntico os membros executivos e todos os directores de Departamentos, assim como outros oficiais que sejam necessários.

Assim, a equipa da U. S. E. nomeada para os cinco anos futuros, é a seguinte:

E. Cupertino — Presidente
Director do Departamento da Liberdade Religiosa

J. Gomes — Secretário-Tesoureiro
Revisor de Contas
Director do Departamento da Mordomia

E. Rodrigues — Director dos Departamentos:
Actividades Leigas
Escola Sabatina
Temperança

D. Sanguesa — Director do Departamento de Publicações

C. Puyol — Director do Departamento da Associação Ministerial

H. Visane — Director dos Departamentos:
Educação
Jovens MV.

A nova equipa da U. S. E. auguramos os melhores votos de bênçãos e direcção divina, e, tal como foi manifestado publicamente, é de expressar a nossa gratidão a Deus pelas vitórias alcançadas e o nosso reconhecimento a todos que nela trabalharam, sem esquecer os que terminaram as suas actividades nesta assembleia, ou durante o primeiro período da sua história.

J. Dias

SOBRE PROFECIAS E SUAS INTERPRETAÇÕES

(Continuação da página 9)

Paulo e Silas foram interrogados pelo carcereiro de Filipos: «Senhores, que é necessário para que eu me possa salvar? E eles disseram: 'Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.' (...) e logo foi baptizado, ele e todos os seus» (Act. 16:30-33).

Como estes textos, muitos outros. Parece-nos, portanto, que a vida eterna se adquire, não no conhecimento das profecias, mas pela fé firme em Cristo e, consequentemente, no Seu ensino.

E o mesmo têm ensinado os mais ilustres mentores adventistas. De 1 a 13 de Setembro de 1952 houve uma série de dissertações feitas por esses mentores em Washington que estão registadas em dois volumes intitulados «O Nosso Firme Fundamento» que são aconselháveis a todos os Adventistas pelos ensinamentos que contêm. No Vol. I pp. 191-298, disse o professor D. E. Rebok: «Não há salvação nenhuma nesta ou naquela data histórica; **nenhum destino eterno depende desta ou daquela profecia, cumprida ou a cumprir-se;** não há nenhuma salvação em qualquer ponto de vista particular de doutrinas ou teorias puramente incidentais (...) Temos de fixar claramente na nossa mente que, quanto à Salvação, há apenas **uma única doutrina fundamental:** sou pecador e necessito de um Salvador, e Jesus Cristo é esse Salvador, caso eu creia apenas n'Ele e O receba no meu coração pela fé.» (p. 203).

Como estamos a tratar de Profecias, relembramos que, embora já existissem os respeitáveis livros de U. Smith, sobre Daniel e Apocalipse, E. G. White aconselhou: «Há necessidade de um estudo mais profundo da Palavra de Deus; em especial, os livros de Daniel e do Apocalipse devem receber uma atenção como nunca dantes na história da nossa Obra» (Test. para Ministros pp. 112-113). «Quando os livros de Daniel e do Apocalipse forem mais bem compreendidos, os crentes terão uma experiência religiosa inteiramente diferente» (Idem p. 114). (Citadas estas passagens no dito livro Vol. 2, pp. 166-167). E o autor desta dissertação, L. E. Froom, considerado um dos melhores teólogos adventistas, concluiu: «Somos solenemente advertidos a **estudar de novo as profecias** e a empregá-las sabiamente no máximo do nosso poder.»

Conclusões: 1) **Estudemos as profecias** e não nos limitemos a interpretações já dadas; 2) Nem tudo está dito pelos antigos intérpretes, entre os quais alguns «armaram-se» em profetas; 3) **Leiamos** as antigas interpretações, em espírito de análise construtiva, porque os seus autores precederam-nos nas escavações do solo profético e alguns diamantes descobriram; 4) Mas uma coisa são as interpretações feitas e outra muito mais importante são as próprias profecias.

A. D. Gomes

tem a palavra o leitor

As cartas ou artigos a publicar nesta secção devem trazer sempre o nome e o endereço do autor. Terão preferência os textos menos longos. Os pontos de vista apresentados podem não representar a opinião dos editores da Revista Adventista e a sua publicação não envolve qualquer responsabilidade denominacional.

O Trigo e o Joio

Algures, no começo das eras, o Senhor saiu a semear para os viventes seara de puro trigo, para sustento das bocas e salvação das almas.

Era Seu propósito que cada um arroteando por si pudesse um dia vir a gozar a luz sem fim da eternidade.

Largo gesto esse do Semeador amoroso, tão largo que nele cabiam todas as criaturas, caídas e não caídas.

Estávamos no começo e queria Ele que Seus filhos escutassem a lição para se fazerem sábios para a salvação — dissera depois o apóstolo.

Acenou a homens de vários quadrantes e foi-lhes ditando as Suas leis, os Seus fins, revelando a grande pátria celeste, destilando amor e sabedoria pela pena dos profetas.

Esses homens, iguais aos outros, escutaram o chamado e foram enchendo os pergaminhos com a Verdade, tal como ia sendo revelada por Deus.

Foram instrumentos fiéis e por isso se tornaram depositários da luz.

Vieram depois mais obreiros da seara e, levando da semente, espalharam-na, cada um em sua língua natal.

Oh, farta seria a colheita, pois Deus a abençoava do Seu trono. Tinha posto nessa seara uma parcela abundantíssima do Seu amor.

Materia a fome a tantos famintos, conduziria tantos à Fonte da Vida, seria mantimento pelos tempos sem fim.

O céu mirava-a lá do alto e mandava o seu orvalho.

O Sol acariciava-a docemente e havia de ser seu manto no sazonar das espigas e depois no abençoar dos pães.

Que seara aquela! Nunca até aí o Senhor tivera tão misericordiosa dádiva para as Suas criaturas.

Do Seu trono mandava todos os dias um voto de luz para que ela crescesse.

Como havia de ser grandioso aquele ondular de um mar verde, onde a esperança gritasse bem alto e, depois, o esbagueirar dos bagos, doirados como o Sol! Obras primas de Deus são todas, mas aquela destinava-se a saciar as bocas famintas e apontava para a eternidade.

Como havia de orgulhar-se a Terra por tamanha riqueza espalhada em seu seio!

Os servos do Senhor não mais deixaram de cogitar naquela sementeira.

Já bebiam a luz daquela fartura feita de pão. Já se perdiam em êxtase, rumo à eternidade. E um dia, não resistindo à tentação, resolveram ir ver a seara.

O cetim esmeralda dos rebentos já havia de cobrir o chão. Aquele odor dos trigos tenros já havia de dilatar-lhes as narinas.

E depois, semente pura, sem mácula, sem embaraço de erva ruim, como havia de crescer abençoada!

Lá foram. Subindo ao primeiro cabeço, postaram-se a olhar a grandeza que se estendia a seus pés.

Tudo húmido de esperança, fecundo, grito de promessa que havia de cumprir-se porque Deus dissera.

Saborosamente, desceram ao vale dispostos a servir o cheiro daquele pão em leite.

Aí, curvaram os joelhos, na ânsia de abraçar o chão por onde o Senhor andara semeando e receber de mãos estendidas tamanha bênção.

Mas, oh, desolação! O que os seus olhos viram foi o joio sufocando num abraço mortal o trigo puro que tinha sido semeado.

Tomados de dor, deram-se pressa de ir levar a nova a seu Senhor. Seria melhor arrancar sem perda de tempo aquele joio todo para o trigo se poder desenvolver à vontade — aventuraram.

Mas Deus disse: Deixai crescer o joio juntamente com o trigo, que na colheita se arrecadará o trigo e se queimará o joio.

Foi uma dolorosa demora para aqueles servos fiéis, mas renderam-se.

Puseram-se de lado espreitando o amadurecer da seara e agora, volvidos milênios, ouvimo-los bradar, radiantes de gozo:

— A seara está madura, vem separar o trigo do joio, Senhor.

«Ora vem, Senhor Jesus.»

Mariana Mendes Palma

Que não seja o "Eu"

Que não seja o «Eu» na minha vida

Um obstáculo à minha oração,

E que o «Eu» seja ofuscado

Para dar lugar ao meu Irmão!

Que não seja o «Eu» na minha vida

Levado a não fazer o bem;

Que o «Eu» seja sempre recalçado

P'ra poder fazer feliz alguém!

Que o «Eu» dê lugar à humildade

— Mudado seja pelo amor! —

Pois, assim fazendo, estou certa,

Cumprirei a vontade do Senhor.

E ao sentir este grande desejo,

Um dia, nesse Lar dos Céus,

Trocarei o «Eu» na minha vida

Pelo amor do meu Bondoso Deus.

Lucelinda Godinho

Henrique Berg e Geraldo Clajus Libertados

Foram libertados e postos no aeroporto de Lourenço Marques em 23 de Abril os pastores Henrique Berg e Geraldo Clajus, que tinham sido presos em 11 de Novembro sem acusação formada. Deixaram Moçambique na direcção de Joanesburgo e já se encontram agora no Brasil, que é a sua pátria. Os dois obreiros africanos continuam detidos, mas o corajoso testemunho dos quatro adventistas durante este tempo de aflição já fez preparar pelo menos 40 companheiros de prisão para o baptismo e a entrada na Igreja Remanescente. O cargo de presidente da União de Moçambique foi transferido de Henrique Berg para o pastor africano Bernardino Mabote, que continua encarcerado.

Alterações no Quadro da União Sul-Europeia

Realizou-se em Madrid a sessão quinquenal da União Sul-Europeia. Carlos Puyol, até ao momento presidente da Associação Espanhola, foi nomeado para a direcção do Departamento Ministerial. Hugo Visane foi designado director dos departamentos da Juventude M. V. e Educação. Os restantes departamentais foram reeleitos.

Chamado para Cabo Verde

Daniel Martins, ex-missionário em Angola, actualmente estudando no Seminário Espanhol de Sagunto, foi chamado para ir trabalhar nas Ilhas de Cabo Verde.

Modificações no Campo Franco-Belga

Na sessão da União Franco-Belga em Rocheton, próximo de Dammarie-les-Lys, Paul Tièche, da Associação da Suíça Francesa, foi nomeado presidente no lugar de Georges Vandenvelde, o qual por sua vez passou a dirigir o Departamento Ministerial da mesma União. Na Associação Francesa do Norte, Claude Massa foi eleito presidente em substituição de André Matton que voltou ao trabalho de evangelização.

do mundo adventista

Mudança na Presidência da Associação Italiana

Na sessão da Associação Italiana realizada em Florença, Mário Maggiolini foi designado para ocupar o cargo de presidente no lugar de António Bueno, o qual recebeu uma chamada para trabalhar no Canadá entre as comunidades italiana e espanhola.

Influentes Diários Italianos Publicam Artigos Sobre a População Adventista de Pitcairn

O pastor aposentado Giuseppe Cupertino aproveitou a circunstância de durante a Páscoa estar a ser rodado em Roma o filme «Os Amotinados da Bounty», para escrever nos conhecidos jornais diários «La Stampa» e «Tempo», informando o público de que tinha visto apenas metade da história. Os cinco milhões de leitores daqueles jornais ficaram deste modo a conhecer a história de Pitcairn e da sua actual população de adventistas do sétimo dia que não fumam nem bebem álcool.

Livro de Colportagem Aprovado pelo Vaticano

O pastor Giuseppe Cupertino, ex-secretário do Departamento Ministerial da nossa Divisão, recebeu da Biblioteca Apostólica do Vaticano uma carta oficial em que era felicitado pela publicação do seu livro sobre problemas sociais e religiosos. Os colportores italianos estão a utilizar cópias daquela aprovação oficial para lhes facilitar a venda do livro.

Congresso Mundial sobre Alcoolismo

A Comissão Internacional para a Prevenção do Alcoolismo é uma organização inspirada e apoiada pela Igreja Adventista, de carácter autónomo, não sectário e apolítico, que envolve pessoas altamente especializadas e outras ligadas a actividades públicas em todo o mundo, trabalhando a favor de um programa positivo de prevenção. Anuncia-se para breve um congresso mundial desta organização no México, prevendo-se a presença de muitas centenas de adventistas e de não adventistas que nele tomarão parte.